

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

## 2. Assuntos de família no inconsciente

**Responsável NEL:** Gustavo Zapata

**Participantes:** Clara Holguín, Diana Ortiz, Leonardo Prado, Ana María Solís, Patricia Tagle

**Assuntos de família no inconsciente, tal como eles aparecem na experiência analítica.**

**Fazer (se) de uma família**

### Introdução

Para a psicanálise a família é, antes de tudo, um fato da palavra, que pode dar conta da inserção do sujeito na vida, na linguagem, no laço social e na cultura, trata-se de uma rede de palavras que estabelecem laços e deixam impressões para cada um deles. A família é um complexo quadro no mito fundador.

Na atualidade, assistimos a uma diversidade de mutações nas configurações familiares, certamente, mas aquilo que nos gera interesse como psicanalistas, não é o dado “sociológico”. É um fato que não é indiferente ser filho de um pai e de uma mãe, nem ter nascido baixo certas condições, o essencial da família é ser o lugar onde, antes de tudo, surge a *lalingua*, e onde deve existir a transmissão de um desejo que não seja anônimo. O complexo tecido composto pelo desejo como lugar e filiação como vínculo essencialmente da palavra, ou seja, mas além da “verdade” do cromossoma, conformam o real do humano que tem como lugar a família, nas suas diversas configurações.

O que nos da orientação não é aquilo que mudou nas configurações familiares, mas é aquilo que não sofre mutação. Apontamos a aquilo, a localizar no relato e no trabalho analizante, alguns pontos de fixação que possam dar conta do modo em que cada falante-ser tem instituído a língua, que pode mostrar o desencontro entre as diferenças dos sexos.

Lacan faz um contributo fundamental quando estabelece um vínculo entre a família e a linguagem explicando assim o segredo familiar. O ponto de iniciação é que a linguagem que cada quem fala, ou seja que falar, falar uma língua, já é testemunha da associação com a família.

Esta questão é onde iniciamos a nossa pesquisa, Quais são esses assuntos de família no inconsciente dentro do drama edípico e mais além dele?

### **Do Édipo e mais além**

“No entanto O Édipo, não poderia conservar indefinidamente o protagonismo numas formas de sociedade onde se perde cada vez mais o sentido da tragédia”. [Jacques Lacan, “Subversão do sujeito”]

Freud tem circunscrito muito precisamente os assuntos da família no inconsciente que deriva do drama edípico. É inegável o valor estruturante que é atribuído às consequências em tanto determinantes da relação do sujeito com o Outro, seu corpo, os outros e a realidade. Seu esclarecimento é objeto de um intenso trabalho de elaboração presente em qualquer percurso de análise, que da conta da sua eficiência como fator decisivo na constituição do sujeito e os diferentes modos como cada um tenta fazer laço. A partir da clínica e do trabalho sobre as construções que se nos é transmitido, podemos manter que os assuntos de família, são um nó para Freud. Mesmo assim, essa elaboração desemboca para ele no impasse da pedra da castração, ponto culminante onde o sujeito deveria realizar-se ao redor do gozo fálico.

Com Lacan, o Édipo, deixa de ser o dado inicial da experiência familiar do sujeito, no inconsciente, para poder orientar, não desde o gozo fálico, mas sim desde o Outro Gozo, isto implica passar do necessário (Mito Familiar) ao contingente do resíduo. A função de o familiar no inconsciente é confrontar-nos com esse lugar de resíduo. O que se põe em questão na função do resíduo?

Ao sublinhar que se trata mais de um impasse que deve ser resolvido pela via da radicalização do ato do analista para ir mais além do drama Edípico e tendo como horizonte esse outro gozo já não do sujeito, mas sim do falante-ser a partir dos pontos que se vão esclarecendo do seu último ensino, Lacan abre uma nova perspectiva que obriga a situar os assuntos da família

nessa dimensão, sua eficiência se fixa no real de um segredo respeito ao gozo: de um desejo não anônimo, encarnado, que deriva no encontro falido entre os sexos e que tem implicações de um resíduo.

O segredo respeito ao gozo encontra-se no mesmo lugar do desejo não anônimo? Introduzir este no mesmo lugar leva-nos a interrogar o ponto de início. Se o Édipo e seus derivados já não são o resíduo da família, O que fica? Sem estar regida pela metáfora do pai, nem pelo S1 do mestre, a família desemboca num impasse que radica na lógica fálica, não pode dar conta do gozo tudo no falante-ser, de maneira que, ao estar ele regido pelo encontro de os modos de gozo dos parceiros, e acoplado na satisfação do gozo, resulta instável, mais insegura e mais flexível.

O falante-ser, ao ver esgotada a combinação do sentido nos assuntos da família no inconsciente transferencial, abre uma dimensão diferente, onde se encontra as coordenadas de suas determinações como ser-de-gozo, com inscrições no corpo e na relação que tem com ele.

### **Um assunto residual: do é freudiano e o gozo no mito familiar ao Real lacaniano e gozo singular do falante-ser**

O que é chamado o casal parental, onde a interação mais atual pode ser reduzida a dedução existente de dois corpos e suas perspectivas de gozo, comporta também um desejo não-anônimo e a constituição de esse resíduo cultural, já minimamente reduzido, que é a família.

Essa é então o que garante a transmissão de essa dimensão do gozo e do desejo pela via de uma marca que testemunha a não relação sexual, esse irreduzível da família humana que toma a forma do fantasma do sujeito.

Desde este ângulo, o sujeito vem a ser o resíduo do encontro de dois gozos heterogêneos (o desencontro entre os sexos), condição do resto onde o sujeito advém como resultado da copula impossível do casal parental, e como o que advém ao final de uma análise, na medida em que se esclarece para ele que esse lugar de resíduo da não relação sexual que o constitui, é também uma insondável decisão de ser esse *Issø*, mas além do destino que espera a tragédia edípica, esse caráter residual do sujeito, em tanto é homogêneo como o resto que constitui a família,

esse segredo do gozo, é o que a sua vez permite-lhe fazer o laço, tentando de fazer uma e outra vez esse *des-encontro*.

Esta definição de resíduo aplica-se bem na questão do pai real como resíduo, em tanto que redução utilizável, à família como um resíduo do social e ao sujeito como resíduo dos gozos do casal parental. É ao que faz referencia Lacan na dissolução, quando sublinha que o ser falante tem sido procriado por dois seres falantes que não falam a mesma língua, que não se escutam falar: nascer de um mal-entendido entre os sexos supõe sempre um elemento residual: O que é aquilo que está em jogo neste elemento residual? Na medida em que aponta ao real (“Não tem que ser conhecido”), esse impossível -buraco estrutural- é constitutivo do falante-ser.

O Édipo é a elucubração deste mistério familiar do *Quem sou eu*, mas este não pode responder à insistência do estranho onde provem cada um, o contingente no lugar onde alguma coisa pode ser decifrado, deste código singular e alheio onde o Um é originário, aquele mal-entendido inaugural do que somos um produto.

A orientação do sinthome supõe os usos lógicos da função do resíduo mais além do deciframento e da verdade, supõe a invenção de um uso possível traduzido nos caminhos do deciframento lugar que não se apanha com a desproporção e ausência de forma do gozo.

## **O pai como resíduo**

Na formulação do *Nome do Pai* de Lacan, tem que se sublinhar como ponto de inicio a conceptualização do pai simbólico que tem influência na estrutura enquanto representante da lei, colocado no centro da elaboração simbólico a partir do Édipo, resinificando o pai freudiano a partir da operação da metáfora.

O mito freudiano do Édipo faz referencia na novela familiar da conta de uma perda do gozo que resulta do desencontro entre os sexos, ou seja, o pai roubou alguma coisa e isto é para sempre.

No desenvolvimento que faz Lacan, a separação Édipo-castração introduz um real, onde a castração é um efeito de linguagem, próprio da incidência do significante no sexual, esta viragem, permite resinificar que não é indispensável o Nome do Pai para que a castração tenha

um espaço, então, a castração real em quanto que operação lógica anterior da operação paterna.

Neste sentido, achamos na obra do Freud, outro dos seus mitos, a libido, fazendo referência a aquilo que é não-domesticável da pulsão: desta forma existe uma perda, mas também existe uma recuperação. A partir deste ângulo, o falo é o que da significação desta perda de gozo, enquanto que o objeto *a*, é o que serve de sinal do resto da operação.

Pensar no estatuto do pai em relação ao gozo, além do Édipo, tem implicações já não só no pai da norma, mas também no paradoxo deste estatuto, sua cara mais patógena. Tomado pela via do semblante, ir mais além do pai, permite separar o pai da lei, da norma, do outro pai que é do gozo, na sua cara real. É a partir do real do pai, como aquilo do traumático do pai que implica em Lacan um novo desenvolvimento. É por estes paradoxos do sujeito do gozo, que o próprio Freud conclui que o Édipo não é causa suficiente para dar conta destes, este caminho o leva a fazer uma equivalência entre o sintoma e a função do pai, podendo ser qualquer o que encarna a função do pai. Posterior a isto, a passagem teórico do falo ao objeto *a*, provoca o surgimento da pluralização dos nomes do pai, passando de ser o significante amo ao pai-sintoma constituído pela singularidade do gozo e uma transmissão que transcende a identificação simbólica universal fundada no mito edípico, abrindo assim o caminho que vai ao pai-versão como invenção de cada sujeito.

O pai real, enquanto resíduo tem uma função diferente ao pai da família, como é apresentado na realidade, na medida em que tem ficado reduzido a sua função de *utensílio*. É mais importante o pai real que a verdade do pai na medida em que permite ao sujeito fazer um nó de um jeito diferente, des-sujeitado da familiaridade delirante, como caracteriza Eric Laurent o empurro insensato à harmonia da família, e procurar-se uma bricolagem na metade do caminho entre o mito e a realidade que permite-lhe fazer-se uma família.

### **A família como resíduo: fazer-se sua família enquanto dos fazer-se de família**

No texto “Duas notas sobre a criança”, Lacan faz destaque da função de resíduo que sustenta e mantém a evolução da família conjugal na evolução da sociedade e que mostra o irreduzível

duma transmissão de uma ordem que não é das satisfações da vida, mas sim de uma peça essencial na constituição subjetiva, enquanto a relação com um desejo que não seja anônimo. A família tal como aparece na elaboração de Lacan, desde “Os complexos familiares”, tem sofrido uma série de transformações ao longo da história no final do século XX e nos primeiros lustros do século XXI partindo da declinação do nome do pai e da desordem do simbólico, neste sentido tem sido reduzido a *coniunctio* do falante-ser, o que ainda faz mais complexa paradoxalmente na sua função constituinte para o sujeito e o falante-ser. Neste sentido, a operação analítica produz uma redução que vai desde os assuntos familiares no inconsciente transferencial ou em tanto Outro, ao resíduo que é o des-encontro dos gozos do casal parental, percurso onde o sujeito, ao ir mais além do sentido trágico do drama edípico, vê a realização do *Eu sou aquele Isso* ao final do análise. Como é articulado por Antoni Vicens, o neurótico faz-se com uma família que lhe é mais familiar que a própria na novela que constrói, novela refutada no passe pela *unheimlich* desse resíduo da família onde se constituem os primeiros objetos do desejo e do amor.

### **O sujeito como resíduo: dos assuntos da família ao sinthome**

A Função constituinte dos assuntos familiares no inconsciente passa pelo que serve de suporte no *Es* freudiano. Mais aca da condição de objeto *a* próprio da criança nos delírios familiares que se faz nas formas do Édipo, estaria então o *isso* que cai pelo mal-entendido cumprido onde mergulha o falante-ser. Trata-se então da marca, do *troumatisme* que define o lugar do falante-ser como um resíduo dos gozos, pela contingência que deixa uma impressão, instilada pelo encontro com a *lalíngua* e que se faz um corpo que serve de suporte para sempre nesse mal-entendido, numa marca legível na letra do final do análise do falante-ser.

Esta peça é resultante duma operação, vem a ser parte das peças que permitem ao falante-ser fazer-se com um sinthome, solução singular ao impasse imposto pelos assuntos de família no inconsciente. Para isto se faz necessário passar pelo Um da repetição do sintoma e o fantasma. Esta marca da singularidade, resto opaco que não pode passar pelo significante, é um fora do sentido, àquilo ilegível, um gozo incontável.

## Bibliografía

- Freud, S., (1909) La novela familiar del neurótico. *Obra completas*. Tomo II. Cap. XXIX. Madrid: Biblioteca Nueva. 1981, pp. 1361-1363.
- Lacan, J., *La familia*. Barcelona: Argonauta. 1982.
- Lacan, J., El mito individual del neurótico. *Intervenciones y textos*. Buenos Aires: , Manantial. 1985, pp. 37-59.
- Miller, J.-A., Observaciones sobre padres y causas. *Introducción al método psicoanalítico*. Buenos Aires: Eolia-Paidós. 1997, pp. 135-149.
- Miller, J.-A., Cosas de familia en el inconsciente. *Mediodicho* N° 32. Córdoba. 2007, pp. 11-23.
- Miller, J.-A., El revés de la familia. *Consecuencias* N° 8. 2005. Disponible en: <http://www.revconsecuencias.com.ar/ediciones/008/template.php?file=arts/Alcances/El-reves-de-la-familia.html>
- Miller, J.-A., Lectura crítica de “Los complejos familiares” de Jacques Lacan. *Freudiana* N° 47. Barcelona. 2006, pp. 7-30.
- Bassols, M., Familia. *Scilicet de los Nombres del Padre*. Roma. 2006, pp. 105-107.
- Bassols, M., La familia del Otro. *Mediodicho* N° 32. Córdoba. 2007, pp. 49-57.
- Bassols, M., Famulus. *Lacan XXI Revista de la FAPOL*. Volumen 2. 2016. Disponible en: <http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/famulus/>
- Sanahuja, J., La familia en entredicho(s). *Freudiana* N° 10. Barcelona. 1994, pp. 71-76.
- Torres, M., El analista como suplencia de lo real del padre. *Mediodicho* N° 32. Córdoba. 2007, pp. 61-66.
- Deffieux, J. P., ¿La familia tiene que ser edípica necesariamente? Disponible en: <http://nel-medellin.org/la-familia-tiene-que-ser-edipica-necesariamente/>
- Torres, M., De los asuntos de familia en el inconsciente al sinthome. *Fracaso del inconsciente, amor al síntoma*. Buenos Aires: Grama.
- Laurent, É., El niño como real del delirio familiar. Disponible en: <http://wapol.org/pt/articulos/TemplateImpresion.asp?intPublicacion=13&intEdicion=2&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=1748&intIdiomaArticulo=1>
- Miller, J.-A., El niño entre la mujer y la madre. *Virtualia* N° 13.
- Bassols, M., Sobre las familias en la actualidad. Disponible en: <http://violenciaestudioslacanianos.blogspot.com/2009/05/sobre-las-familias-en-la-actualidad-del.html>

Indart, J. C., Sobre la familia, Juan Carlos Indart. Ciclo de Conferencias y Debates: El Psicoanálisis en el siglo.

Coccoz, V., Hacerse su familia. Disponible en:

<http://citaenlasdiagonales.blogspot.com.co/2016/03/hacerse-su-familia-por-vilma-coccoz.html>

Miller, J.-A., En dirección a la adolescencia. Disponible en:

<http://www.psicoanalisisinedito.com/2015/04/jacques-alain-miller-en-direccion-la.html>